

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
LICENCIATURA EM LETRAS**

DANIELE DE LIMA RODRIGUES

**A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NA LITERATURA
BRASILEIRA**

**PARINTINS-AM
2023**

DANIELE DE LIMA RODRIGUES

**A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NA LITERATURA
BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas apresentado ao colegiado de Letras como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora Prof.^a Mc^a: **Dilce Pio Nascimento.**

**PARINTINS – AM
2023**

DANIELE DE LIMA RODRIGUES

**A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NA LITERATURA
BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas apresentado ao colegiado de Letras como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas.

Aprovado em ____ de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^{ta} MsC. Dilce Pio Nascimento (CESP/UEA)
Orientadora

Prof^a MsC. Patrícia Christina Reis (CESP/UEA)
Membro interno

Prof^a MsC. Katriana Jacauna Farias Ferreira (SEDUC)
Membro interno ou externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a Deus por sempre se fazer presente durante minha trajetória me concedendo sabedoria para não desistir dos meus estudos, e por tudo que tens feito em minha vida.

À minha família, aos meus pais, Ivaneide Lima e Cláudio Farias, que sempre me guiaram e incentivaram ao caminho do estudo, sempre fizeram de tudo para não deixar faltar nada, que sempre ficam orgulhosos a cada conquista minha. Ao meu irmão André Lima, pela parceria. A vocês minha eterna gratidão.

À minha vó, Elvira Farias, que sempre me incentivou e sempre me ajudou nos estudos. A senhora minha gratidão.

Ao meu parceiro, Rômulo Augusto, por todo incentivo, paciência e dedicação. Obrigada por acreditar em mim.

À minha orientadora, Dilce Pio, pelas orientações e o apoio nos momentos de dificuldade. E principalmente por todo conhecimento que me concedeu durante a trajetória acadêmica.

À todas as amigas que cultivei durante o curso, obrigada por fazerem parte desse processo que é tão significativo para nós. Guardarei com muito carinho os momentos da Let18.

A todos que fazem parte da Universidade do Estado do Amazonas, que se dedicam diariamente para que tudo seja entregue da melhor forma aos acadêmicos.

À todas as mulheres negras que lutam diariamente contra o preconceito, não deixem de acreditar em um mundo melhor, e principalmente na força que cada uma carrega dentro de si. Resistam!

À minha família, razão de minha existência.

A Deus.

*Um dia chegou nessa terra um conquistador
Manchando de sangue o solo que ele pisou
Não respeitou a cultura do lugar
Nem a história desse povo milenar
Queria ouro riqueza e tesouro
Depois a terra e também escravidão
Tibiriçá, Araribóia, Ajuricaba disseram não
Um dia o índio lutou contra o branco invasor
E a guerra de bravos guerreiros então começou
Arcos e flechas contra a força do canhão
Guerra dos índios dizimou minha nação
Trouxeram cruz mais usavam arcabuz
E o ameríndio resistia à invasão
Chamaram a morte e o massacre do meu povo
Civilização
Chegou o branco, pra conquistar
Chegou o negro, pra trabalhar
Unindo raças e crenças de povos
Vindos de além mar
Conquista – Boi Bumbá Garantido*

RESUMO

Esta monografia tem por finalidade fazer uma breve reflexão acerca da representatividade da mulher negra na literatura brasileira, em que selecionamos as autoras Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, para analisarmos contribuições e representatividade dessas autoras no cenário literário brasileiro. Para fundamentação dessa pesquisa levamos em consideração as reflexões levantadas pelos seguintes autores: Angela Davis (2018), Mary Del Priore (2004), Schuma Schumacher (2006), Bell Hooks (2014). Para obtermos uma compreensão da mulher negra na literatura brasileira, apresentamos um recorte a respeito das lutas feministas negra no Brasil, além de um recorte acerca do Movimento negro no contexto histórico brasileiro. Foi realizado um estudo sobre a importância das mulheres negras na literatura brasileira enquanto escritoras, dando maior destaque a tríade: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, fonte para análise sobre as experiências e suas representatividades para a literatura brasileira.

Palavras-chave: Mulheres negras, Literatura, Feminismo negro, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus

ABSTRACT

This monograph aims to make a brief reflection about the representation of black women in Brazilian literature, in which we selected the authors Maria Firmina do Reis, Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo, to analyze the contributions and representativeness of these authors in the Brazilian literary scene. To substantiate this research we took into consideration the reflections raised by the following authors: Angela Davis (2018), Mary Del Priore (2004), Schuma Schumacher (2006), Bell Hooks (2014). To gain an understanding of black women in Brazilian literature, we present a section on black feminist struggles in Brazil, as well as a section on the Black Movement in the Brazilian historical context. A study was carried out on the importance of black women in Brazilian literature as writers, highlighting the triad: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo, a source of analysis on the writing (experiences) and its representativeness for Brazilian literature.

Keywords: Black women, Literature, Black feminism, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	10
1.1 ITINERÁRIO DA LUTA E RESISTÊNCIA NEGRA	10
1.2 MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL	14
1.2.1 FEMINISMO NEGRO E A LUTA PELA IGUALDADE SOCIAL	15
1.2.2 PIONEIRISMO NEGRO NAS LETRAS	18
1.3 VOZES DA RESISTÊNCIA: ESCRITORAS NEGRAS DA LITERATURA BRASILEIRA	21
1.3.1 MARIA FIRMINA DOS REIS	22
1.3.2 CAROLINA MARIA DE JESUS	24
1.3.3 CONCEIÇÃO EVARISTO	25
CAPÍTULO II	32
2.1 PROCESSO METODOLÓGICO	32
CAPÍTULO III	37
3.1 ANÁLISE DE DADOS	37
3.1.1 APRENDENDO E ENSINANDO COM A ESCREVIVÊNCIA DA TRÍADE: MARIA FIRMINA DOS REIS, CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
APÊNDICES	48
APÊNDICE A - PESQUISA DE CAMPO PARA VERIFICAR O CONHECIMENTO DO ALUNO SOBRE O TEMA	48
APÊNDICE B – RESPOSTAS DAS PERGUNTAS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO	49

INTRODUÇÃO

No decorrer do processo da formação do profissional de Letras, há uma infinidade de obras e autores a serem estudadas, muitas vezes consideradas obrigatórias do curso. Em sua maioria, as obras pertencem a um padrão de autores renomados, o que podemos denominar de cânone literário brasileiro. Existente desde o século 19 quando predominava um padrão estético entre elas, principalmente em sua autoria no qual era exercida pelo homem. O cânone literário se construía de privilégios, em que excluía mulheres, negros e pobres e todos aqueles que não pertenciam ao padrão.

Atualmente no espaço acadêmico ainda é presente essa exclusão onde apenas autores e obras do cânone literário são considerados referências para os alunos. Essa cultura advém desde o ensino básico em que pouco se aborda literatura consideradas marginais. No contexto historiográfico da construção social do Brasil, mulheres eram vítimas da cultura machista, misógina e patriarcal. No entanto, através de lutas e do movimento feminista, hoje mulheres ocupam lugares antes inimagináveis. No espaço literário podemos perceber uma presença feminina marcante. No entanto, ao se referir de mulheres negras há uma lacuna de silêncio e invisibilidade, consequências das discriminações raciais e de gênero, resquícios da dura escravidão.

As escritoras negras sempre estiveram presente desde a construção da literatura brasileira, no entanto, foram silenciadas nos quais foram analisadas as motivações desse apagamento: a princípio as mulheres negras foram proibidas de ter acesso ao campo educacional, incluindo o ato de escrever e publicar em consequência das discriminações de raça e de gênero; andá existam inúmeras obras de autoras negras podemos perceber a discrepância em relação a população branca, tanto em números de livros publicados, quanto de obras reconhecidas. As obras de autoras negras, trazem consigo histórias de um povo antes sem voz e vez.

Neste sentido, a presente monografia busca fazer um percurso histórico das mulheres negras, de suas lutas e movimento em prol ao seu povo, para que se compreenda como estão inseridas na sociedade e principalmente literatura brasileira. Por meio das autoras negras: Maria Firmina dos Reis, Carolin Maria de Jesus e Conceição Evaristo, mostramos a representatividade negra no espaço literário brasileiro e o apagamento na escola básica e meio universitário de Parintins

CAPÍTULO I

1.1 ITINERÁRIO DA LUTA E RESISTÊNCIA NEGRA

A mulher, desde a formação da sociedade esteve em posição inerte, sob controle do homem. Instruídas desde a infância para realizar atividades domésticas com a mãe, dessa maneira estariam preparadas para o casamento e maternidade. Ser uma boa mulher, não as permitiria desobedecer a seu pai e irmão, quando jovens, e nem ao marido, quando adulta.

Essas são as atribuições dadas as mulheres, em uma sociedade com fundamentos patriarcais, que as coloca em posição de inferioridade ao homem. Durante séculos esse sistema silenciou a voz de mulheres em um ciclo vicioso. Como afirma a escritora Mary Del Priore, “A mulher, só teria papel benéfico neste processo (histórico) se dentro do casamento e enquanto cumprindo o papel de mãe. Ao fugir de benfezja esfera da vida privada, ou, ao usurpar o poder político como faziam as adúlteras e as feiticeiras, elas se tornavam-se um mal.”. Esse sistema colocava-as longe dos assuntos políticos, intelectuais ou qualquer outro que não eram destinados a mulheres naquela época. As mulheres foram apagadas e silenciadas, de suas contribuições em movimentos de questões sociais, revoluções e até nos meios intelectuais, nas quais estiveram presentes, mas que não foram levadas em considerações.

Diante dessa injusta condição de subalternidade, as mulheres travaram uma luta pela igualdade de gênero, rebelaram-se contra as opressões vividas por elas. A partir desses embates, as mulheres criam um movimento que as unem em prol de sua liberdade, nomeado como Movimento Feminista, como diz Pinto:

Aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias. (PINTO, 2010, p.16).

Nos registros historiográficos do século XVII, pode-se encontrar denúncias ao modo opressor em que as mulheres viviam, principalmente sobre a dominação imposta do homem as mulheres. No entanto, somente no período pós a Revolução Francesa, mulheres e homens lutaram lado a lado e pela primeira vez o termo “feminista” surgiu como pauta o papel da mulher dentro da sociedade.

Segundo Jacqueline Pitanguy e Branca Alves (1991, p. 32), as autoras explicam que “[...] o feminismo adquire uma prática de ação política organizada. Reivindicando seus direitos

de cidadania frente aos obstáculos que o contrariam, o movimento feminista, na França, assume um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher”.

Em 1791, a revolucionária chamada Olimpia Gouges, elaborou uma declaração intitulada de “Direitos das mulheres e cidadãs”, em oposição a “Declaração dos Direitos dos Homens e Cidadãos”. Sendo a primeira manifestação a defender o direito das mulheres em igualdade aos dos homens, dessa maneira, tinham o direito de participar, de forma direta ou indireta, nas formulações das leis e política geral. Apesar do congresso rejeitar o seu pedido, Gouges foi um marco na figura de representatividade feminina, por defender os direitos iguais de gênero. Em seu texto a mesma defende a ideia que “A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As 13 distinções sociais só podem ser fundamentadas no interesse no comum” (GOUGES, 1791, s/p).

A diferença de gênero não deve ser usada como meio de oprimir outra fração da sociedade, a fim de considerá-la inferior. Suas pautas e posicionamentos a favor da liberdade da mulher, contra desigualdade e opressão sofrida por elas, levou Gouges a pena de morte, pagou com sua vida o preço da luta pela igualdade. Em contrapartida, seu pensamento alcançou vários países e conseqüentemente influenciou diversas mulheres refletirem sobre seus corpos e suas vidas.

Na primeira fase do Movimento Feminista, tivemos significativos avanços e pequenos atos de revolução, como no território norte-americano, por exemplo, no dia 8 de março de 1857¹, mulheres operárias de uma indústria têxtil em Nova York fizeram protestos em circunstâncias aos baixos salários que recebiam e contra uma longa e cansativa jornada de 12 horas de trabalhos por dia.

No século 19 o femismo voltou acontecer, na Inglaterra, mulheres lideraram uma manifestação para a obtenção jurídica, ou seja, o direito de voto e trabalho, “As *suffragettes*”, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome” (PINTO,2010,p.15), esse ato passou a ser conhecido como Movimento Sufragista onde marcou a primeira fase do Feminismo, porém somente em 1918 o voto foi concebido apenas as mulheres com trinta anos, que fossem casadas e que tivessem uma condição de vida econômica estável.

Jacqueline Pitanguy e Branca Alves (1991), destacam que a origem do movimento feminista é resultante “[...] de uma luta constante por seus direitos, as mulheres trabalhadoras

¹ (ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Abril Cultural – Coleção Primeiros Passos, 1991. p. 32)

romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública (PINTAGUY; ALVES, 1991, p. 41).

No entanto, essas conquistas não chegaram de forma simultânea para todas as pessoas do sexo feminino. No Brasil, durante o período de colonização, mulheres negras assim como os homens negros, foram trazidos do continente africano para mão-de-obra escrava, eram encarregados de realizar trabalhos desumanos, sem condições de uma vida digna. Sob o ângulo, do Brasil Colonial, as mulheres negras viviam em um conjunto de opressões: raça, gênero e classe. Em que de um lado era representada pela força braçal e por outro o sexismo, essas opressões ainda se fazem presente na estrutura da sociedade atual.

Com base em Hooks (2020, p. 37), “a mulher negra escravizada não era tão valorizada quanto o homem negro escravizado. Em média, o homem negro escravizado era mais caro que a mulher escravizada”, o comércio de escravo era por parte masculina, porém, com o tempo a comercialização se direcionou as mulheres, o que mudou drasticamente suas vidas.

Segundo historiadores, por volta de 1690, desembarca no território brasileiro as primeiras navegações com uma expressiva carga de pessoas negras, oriunda das regiões de Angola e Costa Mina. A travessia do Atlântico ao território brasileiro, durava em média 43 dias, no entanto essa duração dependeria da região de partida; durante essa viagem eram colocados no porão com mais 440 pessoas, durante o extenso trajeto sem receber alimentação básica, e por encontrar-se no porão todos amontoados em completa escuridão, muitos escravos acabavam morrendo por doenças, em consequência da fome e desidratação, ou sacrificando sua própria vida ao se jogar no mar, negando viver naquela situação. Como afirma Schumacher:

Nos navios, os espaços para os cativos e as provisões disponíveis eram muito limitados e caros. Sem contar que os traficantes quase sempre, para aumentar seus lucros, levavam um excesso de pessoas a bordo, suprimindo essas cargas populosas com alimentação e água insuficientes. Um decreto de 1684 permitia que fossem transportados sete escravos por tonelada, para os navios com vigias, e cinco escravos, para os navios sem vigias. (SCHUMACHER, 2018, p. 13).

O escravizador com o intuito de manter a obediência dos escravos, torturava-os, dessa maneira tornaria a venda do “produto” ainda mais fácil para o comprador. Ao longo da viagem nos navios, os homens escravos recebiam açoitamento em forma de castigo, ao mesmo tempo mulheres tinham seus corpos violados durante o trajeto. “Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas” (DAVIS, 2016, p. 26), em consequência desses atos de crueldade as mulheres ficavam aterrorizadas, aceitando passivamente os mandos e desmandos

dos seus futuros senhores, como forma de evitar que os abusos fossem incessantes. Schumacher, em seu livro caracteriza as mazelas sofridas pelas mulheres escravas:

A morte vinha pelo escorbuto, sarampo, bexiga e diarreias que dizimavam boa parte dos embarcados, começando pelas crianças. Às mulheres, por vezes era dispensado um tratamento diferenciado. A elas, permitia-se permanecer no convés, onde o ar puro e a retirada dos ferros do tornozelo aliviavam as duras condições da viagem. Porém, a permanência no convés também as deixava à mercê dos marinheiros que “serviam-se” sexualmente delas a qualquer hora do dia (SCHUMAHER, 2018, p. 20)

As mulheres negras grávidas permaneciam em suas rotinas árduas de trabalho, ocasionando assim complicações na gestação, levando até mesmo a morte. Impedidas de exercer sua maternidade, pois seus filhos desde pequeno eram comercializados para o trabalho escravo e filhas levadas para trabalhar na casa dos senhores, sendo usada como distrações para os filhos dos senhores ou realizando os trabalhos domésticos com a mãe.

O sistema escravocrata, se apropriou da mulher negra, seu corpo era controlado e explorado pelo colonizador branco por diversas formas, responsável pela subsistência material e simbólica do núcleo familiar da casa-grande. Além de nutrir e prover a casa branca, o corpo feminino negro também foi usado para amamentar os filhos dos senhores. Enquanto racismo foi o decreto para justificar que pessoas negras seriam escravizadas, sexismo foi o que estabeleceu o destino da mulher negra seria mais árduo do que o do homem negro.

O processo escravagista, obrigou os negros a viver nessas condições de subalternidade. Os negros insatisfeitos se rebelaram contra o sistema, fugindo e criando esconderijos em meio a mata aberta, com essas fugas em busca por sua liberdade que se formaram os Quilombos, nome dado aos esconderijos que abrigavam os negros na tentativa de recomeçar suas vidas, muitos deles acabavam morrendo a caminho dos quilombos.

Após longos 300 anos chega ao fim o regime escravocrata, com a assinatura da Lei Aurea pela Princesa Isabel, por fatores políticos já que o mundo vivenciava a fase de Industrialização, a Monarquia brasileira recebia pressão de outros países como, por exemplo, a Inglaterra, um dos países que eram contra a mão de obra escrava.

Após o fim da escravidão o estado brasileiro não se preocupou em pensar em modos de incluir socialmente a população negra, ao contrário, trouxe imigrantes europeus e asiáticos para ocuparem o espaço de trabalho, que havia pertencido até então à população negra. Além disso, um novo espaço propulsor da economia do país se abria: a industrialização. (TOKITA, 2013, p.121).

Em 1889, após a abolição da escravatura o Brasil se torna uma República, na qual o sistema não inseriu o povo negro de forma igual, sem políticas públicas que permitissem o direito da cidadania, sem acesso à oportunidade de emprego, moradia e educação digna, os negros não tinham a liberdade de fato, e se viram a margem da sociedade, os reflexos da

escravidão assombram até os dias de hoje, o racismo e a justiça social ainda são vivenciados pelos negros. Segundo Schumacher:

Desde que chegaram do lado de cá do atlântico como cativas, as africanas e crioulas – como ficaram conhecidas as escravizadas nascidas no Brasil – tentaram de diversas formas superar a condição escrava. Mesmo dispondo de poucos recursos jurídicos, elas tinham conhecimento dos mecanismos das relações mais amplas do poder. Através de formas de resistência coletivas e mais diretas (rebeliões e formação de quilombos) ou de estratégias mais astuciosas (fugas e compra de alforrias), essas mulheres identificaram rapidamente as brechas abertas no regime escravista e frequentemente levaram seus senhores aos tribunais em defesa dos poucos direitos garantidos por leis. (SCHUMACHER, 2018, p. 92)

A Herança da escravidão, ainda é um reflexo de uma sociedade que mesmo que contemporânea, ainda vive marcas deixada pela escravidão e colonialismo. Apesar do fim do regime Escravocrata, a sociedade ainda possui um pensamento ideológico preso as amarras do padrão racista colonial e autoritário, no entanto, os negros resistem a essa realidade, como forma de se opor a surge os movimentos de mobilização racial no Brasil.

1.2 MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

A relutância do povo negro no território brasileiro, acompanha o processo inicial da colonização do país, quando foram trazidos de seu lugar de origem de forma brutal pelo colonizador. Sob “um olhar mais aprofundado para os processos sociais faz emergir uma pluralidade de sujeitos e cenários que materializaram ao longo dos tempos o movimento negro no Brasil do século XX” Schumacher (2018), o movimento é a luta dos povos afrodescendentes, na perspectiva de uma melhoria social, que se opõe contra os preconceitos e as discriminações raciais, problemas esses que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural.

Durante cinco séculos da presença negra no território brasileiro, foi marcado por grandes lutas. Inicialmente, a luta pela sua liberdade, já que a população negra estava presente em quase toda extensão brasileira, na produção de café e nas minas na extração de mineiros e pedras, e a serviço de seus patrões em suas fazendas, cuidando dos afazeres domésticos, a grande parte das atividades naquela época era realizada pela mão escrava. Sua principal função, era desenvolver trabalhos sem condições humana, foi imposto a eles a responsabilidade de ser força motriz para o desenvolvimento econômico do país recém ocupado, ou seja, obrigados a sustentar a base da pirâmide social na construção do país.

Em efeito de todos esses atos de exploração e, condições brutais em que foram submetidos por anos, os negros encontram como ato de resistência, a fuga. Segundo Schumacher

a participação da mulher negra, nesse momento inicial do movimento foi de grande importância.

Ainda que boa parte dos papéis desempenhados pelas mulheres tenha tido pouca visibilidade é inegável a importância de suas presenças no desenrolar dessa luta. Pode-se afirmar que os candomblés, a formação de quilombos, as irmandades, e as diferentes expressões culturais foram grandes focos de mobilização política ao longo da história. Entretanto, é a partir do século XIX que novos mecanismos de articulação serão incorporados ao cotidiano da população negra. (SCHUMACHER, 2018, p. 292).

A forma de resistência, inicialmente, foi na formação de Quilombos, visando na rejeição contra a condição de escravização em que viviam, “com luta direta e reivindicações de teor emancipacionista, assim como, o bandoleirismo, onde grupos de escravos fugidos assaltavam em estradas e povoados”. CUNHA (2017, p.43), houve as grandes revoltas como: Malês- BA e Balaiada – MA, eventos importantes que marcaram esse período inicial do Movimento Social Negro.

No segundo momento, com base historiográfica, o povo negro vivenciava um período da pós- abolição, após três longos séculos de exploração, a Lei Aurea foi implantada, devido a grande pressão e outros países, especialmente a Inglaterra, pois o mundo passava pelo período de Industrialização. No entanto, a liberdade não foi alcançada de fato, o estado não se preocupou em inseri-los na sociedade. A cultura racista, ainda perpetuava pelos cidadãos que não enxergavam os negros como humanos, embora estivessem livres os negros teriam que enfrentar um sistema opressor resistente. Inicia-se então um longo processo de luta para obter o acesso aos direitos básico de um cidadão. O reflexo as mazelas em que a sociedade brasileira vivia, era refletida também no campo Literário, com inúmeras denúncias presente em diversas obras.

1.2.1 FEMINISMO NEGRO E A LUTA PELA IGUALDADE SOCIAL

O feminismo negro, se manifesta como forma de luta contra o racismo e na luta do movimento feminista. Durante o período escravagista, mulher negra sobrevivia sob um olhar animalesco diante a sociedade dominante, é enfático ao afirmar “aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo. Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar” Davis (1944, p.19). O período escravista no Brasil, teve seu “fim” com a assinatura da Lei Aurea, assinada no ano 1888 pela princesa Isabel, na qual extinguiu a escravidão no Brasil.

Ao contrário do direito que deveria ser garantido a eles, a alforria não ocorreu de fato, já que os negos não foram inseridos na sociedade, não tinham oportunidades para que pudessem ser livres. Dessa forma, “após o fim da escravidão o estado brasileiro não se preocupou pensar em modos de incluir socialmente a população negra” (TOKITA, 2013, p.122), o povo negro permaneceu marginalizado, sem grandes oportunidades, alguns permaneciam nas fazendas realizando os mesmos trabalhos com baixa remuneração, muitos passaram a viver em quilombos com os demais que haviam fugidos.

Na perspectiva feminina negra, elas permaneciam no lugar de opressão, termo que descreve qualquer situação injusta que, por um longo período, um grupo nega outro grupo o acesso aos recursos de uma sociedade. A mulher negra, discriminada por sua raça, classe e gênero, sexualidade dentre outras, reflexos do período escravagista que permanecem até os dias de hoje. A luta, era o único meio em que elas poderiam conquistar seu espaço na sociedade, luta contra todas as discriminações que sofriam. Apesar dos movimentos de lutas sociais em defesa da mulher ter crescido gradualmente em todo o mundo, esses movimentos em sua maioria apenas representavam mulheres brancas pertencentes as classes sociais dominadoras.

O movimento feminista negro, é composto por vários ideais em escala maior que o próprio movimento negro. O movimento feminista negro, tem um caráter transformador, assim como o feminismo tradicionalmente conhecido, já que o racismo e patriarcado tem uma funcionalidade estrutural dentro da sociedade.

A escritora negra, Angela Davis em Mulher, Cultura e Política, traz o texto intitulado “Nós não consentimos: a violência contra as mulheres em uma sociedade racista”, produzido no ano de 2017, o texto cita o Poema sobre meus direitos de June Jordan, no entanto, a denúncia contida no texto ainda condiz com a realidade atual das mulheres que sofrem com a violência, principalmente a violência sexual. Angla Davis afirma:

Estas incluem a violência imperialista imposta ao povo June Jordan, expõe de forma realista os paralelos entre a violência sexual contra as 22 mulheres enquanto indivíduos e a violência neocolonialista contra povos e nações. A mensagem da autora merece uma seria reflexão: não é possível apreender a verdadeira natureza da agressão sexual sem situá-la em seu contexto sociopolítico mais amplo. Se desejamos entender a violência sexual como ela é vivida pelas mulheres na esfera individual, devemos estar cientes de suas da Nicarágua, a violência do apartheid sul-africano e a violência de base racista infligida à população afro-americana e a outras populações racialmente oprimidas nos Estados Unidos. (DAVIS, 2017, p.41).

A violência denunciada no texto, ainda é a realidade da sociedade brasileira. Diariamente se ver nos meios de comunicação notícias de todos os tipos de violência cometidas as mulheres, tanto físicas, sexuais e moral, e o mais preocupante é o índice de

mortes em consequências desses atos. No centenário da abolição da escravidão, houve o Primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras, em 1988, no Brasil. No entanto, o primeiro contato da mulher negra com políticas militantes, foi ao movimento negro em que a liderança era totalmente masculina, viu-se então a urgência de criar o movimento feminista negro que somado aos debates sobre racismo trouxessem para a pauta a igualdade de gênero.

A luta da mulher negra sempre foi cercada por contrariedade, por um lado, a causa feminista, não inseria nenhuma demanda de mulheres negras. Enquanto mulheres brancas iriam à rua reivindicar seus direitos, educação, a liberdade de fazer suas escolhas.; ainda existiam mulheres negras trabalhando de forma escrava, sem descanso e remuneração digna. No âmbito do povo negro ainda sim havia discriminação, inicialmente a pauta trazida por elas (mulheres negras), não foi aceita pela parte masculina, já que para eles o debate único a ser defendido era sobre o racismo a desigualdade social. Como afirma Gonzáles, acerca do feminismo no Brasil:

[...] padeciam de duas dificuldades para as mulheres negras: de um lado, o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao omitir a centralidade da questão de raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade, e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem as mediações que os processos de dominação, violência e exploração que estão na base da interação entre brancos e não-brancos, constitui-se em mais um eixo articulador do mito da democracia racial e do ideal de branqueamento. Por outro lado, também revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral – que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo (GONZÁLES, 2000, p. 57).

Somente após a ditadura militar no Brasil, que o feminismo negro ganha ainda mais força, com o surgimento de organização não governamentais (ONGs), Nzinga- Coletivo de Mulheres Negras (RJ), Criola (RJ), Geledés (SP), Fala Preta (SP), entre outras que lideram ações contra qualquer violência contra o feminino preto. A mulher negra, dentro do Movimento Feminista, se encontra em uma posição que busca mudança nas percepções que constituem a sociedade e as intuições que nela atuam, para que de fato haja consciência para que o Movimento Feminista, não perpetue as desigualdades raciais no interior do movimento.

O processo de conscientização ainda caminha em passos lentos, no entanto, há significativas mudanças desde o processo inicial em 1980. Essas alterações devem-se ao fato, da participação dessas mulheres o âmbito da política, o que possibilitou as discussões e representações sociais sobre o seu papel na sociedade. Essa jornada se nutre de lutas, e principalmente do interesse de mulheres negras, para que haja consciência identitária, por meio de debates realizados por estas organizações e movimentos, atualmente percebe-se um maior engajamento e avanço no território nacional. Somado a este fato, o avanço tecnológico das redes

sociais contribuiu para uma maior visibilidade dentro dos fóruns de sites e rede sociais, alcançando um número maior de mulheres.

Destarte, a luta das mulheres negras não se limita somente pela igualdade de gênero, estas mulheres lutam para que se libertem das amarras do passado escravo, o que resultou em uma cultura racista, que perpassa nos cotidianos de milhares de mulheres negras até os dias atuais. Para que esses avanços e suas conquistas obtenham um resultado mais satisfatório, é necessário que essas lutas recebam apoio da sociedade como um todo.

1.2.2 PIONEIRISMO NEGRO NAS LETRAS

Para a mulher negra, o espaço das letras e literatura foi por muito tempo um espaço de exclusão e negação de sua participação, esse ambiente se construía e fortalecia somente da participação masculina. O campo literário surge como um campo privilegiado, de produção e representação, em que desde sua formação inicial até a contemporaneidade, perpetua um discurso negativo para a mulher negra, limitada a uma imagem atrelada a escravidão, sendo unicamente representa como corpo-apropriação e/ou corpo-objeto.

O povo negro, foi excluído de possuir qualquer contato ao ambiente intelectual, eram vistos como animais incapazes de adquirir conhecimentos. Como bem nos assegura a autora Angela Davis:

De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação (DAVIS, 2017, p. 41).

O que reflete na carência dos acervos historiográficos acerca dos registros iniciais da educação dos negros. A problemática da carência de abordagens históricas sobre as trajetórias educacionais dos negros no Brasil revela que não são os povos que não têm história, mas há os povos cujas fontes históricas, ao invés de serem conservadas, foram destruídas nos processos de dominação. (CRUZ,2005, p. 23) O povo negro sempre esteve sedento por conhecimento, pois tinham consciência que o conhecimento os tornava inadequados para escravidão.

O acesso do saber para mulheres negras, foi marcada por um endurecimento ainda maior, no entanto, a mulher negra há muito tempo trava uma luta contra o silenciamento. Dentre

as formas de resistir, o ato de escrever, em que já é exercida há alguns séculos. Fonte do pesquisador Élio Ferreira de Souza em seu artigo² *A carta da escrava 'Esperança Garcia' de Nazaré do Piauí: uma narrativa precursora da literatura afro-brasileira*, uma carta escrita por uma escrava, por volta de 1770, como uma forma de denúncia dos maus tratos do seu senhor. A carta feita por Esperança é um símbolo de resistência, haja vista que o acesso ao saber era negado, e apesar de todas as limitações, Esperança expõe as condições subalternas, em que podemos de fato ouvir a voz do escravizado:

Do ponto de vista literário e texto de fundação, a Carta de Esperança representa para a literatura afro-brasileira, o mesmo que a Carta de Pero Vaz de Caminha (1500) representa para o cânon euro-ocidental na literatura brasileira. A epístola em estudo foi escrita dezenove anos antes da Revolução Francesa. É certamente um dos registros escritos mais antigos da escravidão no Brasil, escrito pelo próprio escravizado, no nosso caso uma mulher negra, brasileira e cativa, Esperança (SOUZA, 2019, p.01).

Uma carta que resistiu ao apagamento historiográfico, mas que por meio desse resgate podemos ter acesso a narrativa desses homens e mulheres, cujo texto autobiográfico relata o duro período escravocrata no Brasil. Como podemos perceber na carta de Esperança Garcia:

Eu Sou Hua escrava de V.S. da dministração do Cap.
Ant° Vieira de Couto, cazada. Desde que o Cap.am Lá foi
adeministrar, q. me tirou da Fazdª dos algodois, onde vevia
co meu marido, para ser cozinheira da sua caza, onde nella passomto mal.
A Primeira héq. Ha grandes trovadas depancadas
En hum Filho meu sendo huã criança q lhe fez extrair sangue
Pella boca, em mim não poço esplicar q Sou hu colcham
de pancadas, tanto q cahy huã vez do Sobrado abacho peiada;
por mezericórdia de Ds es Capei.
As egunda estou eu e mais minhas parceiras
Por confeçar atresannos. E huã criança minha e duas mais por batizar.
Pello q Peço a V.S. pelo amor de Dus. e do
Seu Valim. toponha aos olhos em mim ordinando digo
mandar a Porcurador que mande p. a Fazda aonde elle m. tiroupa
eu viver com meu marido e Batizar minha Filha de V.Sa.
de V.Sa. sua escrava
Esperança Garcia

Essa escrita, constitui-se de elementos que compõe a Literatura negra atual, legitimando a voz feminina negra e a denúncia dos abusos praticados pelo homem branco. Do ponto de vista historiográfico, as práticas de escravização e de instrução dos negros no Brasil, precisamos ter

² A Carta da escrava Esperança Garcia do Piauí, escrita por ela mesma, e sua relação com a poesia das mulheres dos Cadernos Negros. In: Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas e contos; organização de Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. Disponível em: etras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1697-elio-ferreira-de-sousa-a-carta-da-escravizada-esperanca-garcia-escrita-por-ela-mesma-e-a-formacao-do-canone-literario-afro-brasileiro Acesso em: 28/02/2023

em mente que ser escravo, já definia a condição de exclusão social e, portanto, educacional (BASTOS, 2016, p.746). O acesso as letras para o negro, enquanto escravo era totalmente proibido, porém, com interesse de ganho o senhor dos escravos permitia a alfabetização, dessa forma o negro seria comercializado por um preço ainda maior. No entanto, algumas mulheres ao acompanharem os filhos de seus senhores adquiriam alguns conhecimentos, apenas ouvindo as aulas, como afirma Maria Helena Câmara Bastos:

[...] assinala também algumas circunstâncias que teriam oportunizado o acesso às letras pelos escravos. Uma possibilidade que se apresentava no cotidiano de alguns cativos estava relacionada à tarefa de acompanharem as crianças à (considerada uma atividade corriqueira para as mucamas, por exemplo). Ocasão em que teriam a chance de aprenderem ouvindo as lições destinadas aos filhos dos senhores (BASTOS apud KARASCH, 2016, p. 02).

Podemos perceber, que os negros nutriam o desejo pelo conhecimento ainda no período colonial, a fuga não foi a única forma de resistência a escravatura, porém, tinham consciência que o saber também era umas das formas de lutar contra as condições sub-humanas. A epístola de Esperança carrega vivências que não era apenas sua, mas de milhares de pessoas que não tiveram a oportunidade de serem ouvidas.

Ao falar de pioneirismo, Maria Firmina dos Reis, também se destaca. Escritora maranhense, a primeira romancista brasileira. O primeiro romance escrito por uma mulher negra, intitulado “Úrsula” (1859), retrata a vida de uma mulher negra, pobre, que luta diariamente a fim de vencer os paradigmas sociais: patriarcal e principalmente racial. Maria Firmina, consciente que tal feito causaria estranhamento na sociedade, haja vista que o ato de escrever e publicar era um exercício exclusivo ao homem branco. Úrsula não recebeu seu nome como autora e sim “Uma maranhense”, seu pseudônimo. Em seu prefácio afirma:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados [...] com uma instrução misérrima [...] e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 1988, p.13).

Maria Firmina, se descreve com modéstia, no entanto, é nítido que Reis estava à frente do seu tempo, rompeu todos os paradigmas imposto sobre uma mulher negra. Autodidata, com ajuda dos livros e persistência se tornou uma mulher letrada. Em 1847, foi aprovada no concurso público do Maranhão, ao se aposentar, no início da década em 1880, construiu a primeira escola mista e gratuita o Estado e do Brasil.

Esperança Garcia e Maria Firmina dos Reis, mulheres negras que lutaram e resistiram contra o tempo, o preconceito e invisibilidade. Destacam-se, pelo pioneirismo na literatura

negra, usando a escrita como arma em busca de ser ouvidas. Pois como observa Conceição Evaristo (2005):

Essas escritoras buscam na história mal contada pelas linhas oficiais, na literatura mutiladora da cultura e de dos corpos negros, assim como em outros discursos sociais elementos para comporem as suas escritas. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembram e bem relembram as histórias de dispersão que os mares contam, se postam atentas diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escrevem às suas dores e alegrias íntimas.

Diante de toda essa grandiosidade, ainda é possível perceber o apagamento na historiografia da Literatura canônica do Brasil. À essas mulheres, que tanto representaram o povo negro, precisamente a mulher negra, toda a menção honrosa a memória dessa grande mulher que tanto contribuiu com a educação e serviu como amparo para aqueles que não tinham condições.

1.3 VOZES DA RESISTÊNCIA: ESCRITORAS NEGRAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Neste capítulo, apresentaremos nomes de algumas escritoras negras da literatura brasileira. Em que será dividido entre: Maria Firmina dos Reis; Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e elencar as autoras negras da literatura brasileira. Ao se tratar de escritoras negras presente na Literatura brasileira, há quem fique com dificuldade de citar uma das diversas escritoras, que possuem um papel indispensável neste campo das letras. A mulher, no decorrer da história, foi excluída do papel de escritora, em que predominava a atuação do homem. Bem como afirma Priore:

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera (PRIORE, 2004, p. 341).

Essa perversa desigualdade social tem um peso ainda maior quando se trata das mulheres negras, são essas mulheres que experenciam um alto impacto do descaso e esquecimento. Refletido no campo literário em que ainda são invisibilizadas, apesar da literatura negra, ter se expandido por volta da década de 1970, com produções tanto de mulheres

quanto de homens negros, com a preocupação de narrar as histórias e particularidades do seu povo. Segundo, Nascimento, as escrituras feitas pelas mulheres negras, carregam a preocupação de se auto representar e quebrar a cultura das representações negativas feitas pelos brancos acerca do seu povo:

Buscando sua auto representação e a quebra de imagens negativas essas mulheres acabam se aglutinando em movimentos literários e passam assim a expressarem seus próprios desejos poéticos, suas dores, lutas, histórias, anseios e memórias. Com isso aos poucos essas mulheres vão se apresentando por suas próprias mãos e rompem com os estereótipos literários que eram atribuídos a elas na história e tradição da literatura brasileira. (NASCIMENTO, 2004, p. 23).

É através dessa voz e olhar que essas escritoras mantêm a produção literária negra feminina, em que denunciam a opressão, que ainda se perpetua até atualidade. Atualmente a mulher negra narrar sua história, no entanto, continua a luta pela visibilidade.

1.3.1 MARIA FIRMINA DOS REIS

O grande passo dado pela mulher negra para a expansão da literatura negra, se deu a partir da publicação do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Nascida em São Luís do Maranhão, no dia 11 de março de 1825. Maria Firmina, sempre manteve afinidade e apreço pelas letras, autodidata aprendeu a ler com livros que os cercavam, escritora brasileira, que para o povo negro carrega a marca de resistência.

A voz e importância que Reis carrega, advém, da sua grande contribuição com a educação, sempre se dedicou a daqueles que não possuíam condições e acesso ao conhecimento. Seu pioneirismo, destaca-se com fundação da escola mista e gratuita em 1880.

[...] impõe-se como uma pioneira tanto em nossas letras como na história da educação brasileira, fundando em 1880, na cidade de São Luís do Maranhão, uma escola mista e gratuita para as crianças pobres. Professora desde 1847, mesmo depois de se aposentar, em 1881, continuou, com poucos recursos, seu trabalho de instrução e assistência aos menores carentes, tomando muitos deles como afilhados (SCHUMACHER, 2018, p. 210).

A trajetória de Maria Firmina, foi dedicada à educação, se tornando a primeira a passar em um concurso público para atuar como professora do primário. Responsável pela composição do *Hino da Abolição da Escravatura (1888)* em sua composição manifestava:

Salve a pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus e Igualdade!
Salve! Salve o sol que raiou hoje,
Difundindo a liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!³

Maria Firmina dos Reis, publicou seu livro em uma época em que os preconceitos e limitações assolavam as mulheres, “uma maranhense” foi o pseudônimo utilizado por ela na tentativa de preservar sua identidade dos preconceitos que virá sofrer. O enredo da obra foi de encontro com temáticas que a literatura brasileira repudiava, como exemplo o problema da escravidão:

Enfocando questões angulares da sociedade brasileira; isto é, a violência do patriarcalismo e da escravidão, ao romance subjaz a hipótese de que a ausência de freios às paixões humanas próprias a uma sociedade que repousa sobre a opressão da escravidão e a subserviência das mulheres promove a distorção do caráter masculino. Homens excessivamente poderosos, ao não encontrarem limites ao exercício de seus desejos, tornam-se monstros sociais, destruindo a si próprios e a todos que estão em torno. A receita sugerida pela autora para superação disso é a autoimolação dos bons. Isso porque o bem precisa ser mantido intocado, mesmo nas circunstâncias mais injustas. (MACHADO, 2019, p. 99).

O romance, por mais inocente que fosse, era ainda um gênero literário malvisto, pernicioso para as moças, quando, em 1859, os jornais de São Luís anunciavam Úrsula, de autoria de uma maranhense, ao custo de dois mil réis pela Tipografia do Progresso. Logo se soube que o livro, hoje considerado o primeiro romance de uma autora brasileira, era de Maria Firmina dos Reis. (PRIORE, 2004, P. 342). O romance denuncia as duras condições o negro na sociedade colonial brasileira, no decorrer da narrativa podemos encontrar elementos a diáspora negra no país.

Maria Firmina dos Reis, faleceu em 1917, e teve a chance de presenciar a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. No entanto, não teve o privilégio de presenciar o reconhecimento de suas obras e lutas em que foi apreciada somente em 1970. Maria Firmina dos Reis ainda é pouco reconhecida pela historiografia da literatura brasileira, inegável sua grande contribuição no âmbito literário rompendo todos os preconceitos e mazelas vividos por uma mulher negra, pobre e nordestina.

³ Hino da Abolição da escravatura (1888) escrito por Maria Firmina do Reis. Retirado do livro *Mulheres negras do Brasil* (2006) de autoria Schuma Schumacher. SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org.). **Mulheres negras do Brasil**.co-edição Redeh – Rede de Desenvolvimento Humano e Senac Editoras.Ed, 2006 (p.211)

1.3.2 CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus, nascida em Minas Gerais, passou grande parte da sua vida na favela do Canindé, em São Paulo. Por ser negra, Carolina, não possuía direito à educação, pois naquele cenário de 1920, o acesso ao campo educacional era destinado as pessoas brancas de famílias classe alta. Carolina Maria de Jesus, era filha de pais negros analfabetos, seu interesse pela leitura foi desenvolvido ao ingressar na escola espírita Allan Kardec, pelo apoio de dona Maria Leite, em que possibilitou a entrada de diversas pessoas negras carentes na escola. Carolina, precisou interromper seus estudos no segundo ano, no entanto, já sabia ler e escrever, e apressou-se pelos livros.

[...] esses dois anos incompletos de vivência escolar somados aos esforços de sua professora, quem lhe emprestava livros de História e poesia, além de incentivá-la a escrever tudo que viesse à mente, foram suficientes para despertar em Bitita a sua paixão pela leitura (GABRIEL, 2019, p. 96).

Bitita, era como a chamavam, precisou mudar-se para São Paulo em 1947, morando na favela do Canindé. Carolina Maria de Jesus, passou a trabalhar como catadora de materiais recicláveis, para sustentar seus três filhos, pois o pai de seus filhos a abandonou enquanto ainda estava grávida. Durante suas coletas, Carolina, registrava, nos cadernos que encontrava na rua, o seu cotidiano e suas vivências, reuniu mais de 20 cadernos com suas histórias e de sua comunidade. Carolina, foi descoberta por um jornalista que estava de passagem para fazer uma reportagem no parquinho que seria inaugurado em sua favela. Carolina estava alertando vários homens que estavam dentro do parquinho, pois aquele local era destinado as crianças, caso não saíssem a mesma colocaria em seu caderno.

O jornalista Audálio Dantas se interessou em conhecer os seus cadernos, então Carolina o apresentou. Em seguida o jornalista impressionado com sua escrita, publicou em seu jornal alguns trechos do caderno. E as demais histórias foram reunidas dando vida ao seu famoso livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 20 de agosto de 1960. No entanto, seu livro causou discordância ao publicá-lo:

[...] tendo em vista que era uma mulher negra da favela que fazia uma forte crítica social, expondo como os pobres eram abandonados pelos políticos. Desse modo, seu livro não era apreciado no período da ditadura militar e, mesmo após o fim da censura, tinha-se uma ideia de que não havia demanda para narrativas como as de Carolina, já que sua escrita não representava os ambientes mais elitizados de cultura. (JORGE; SOARES, 2020, p.42).

O livro *Quarto de despejo*, escancara ao leitor a realidade desumana de quem vive à mercê das sobras, realidade que persiste até o dia de hoje. Carolina Maria de Jesus, é mais uma figura de representação de mulher negra, que a sociedade insiste em colocá-la a margem, representação literária que consegue demonstrar através de seu diário a realidade cruel dos moradores das favelas

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, 1960, p. 37).

Sua maior representatividade se dá pela sua manifestação literária que traz a tona a vida do negro pobre, da mãe solteira partir de sua visão interna, de quem de fato vive as mazelas em seu cotidiano, com sua marca literária o testemunho. Carolina Maria de Jesus, faleceu em 13 de fevereiro de 1977, aos 63 anos de idade. Seu sucesso literário foi repentino no mercado editorial em consequência do esquecimento e de sua morte, seus livros foram rejeitados pelo cânone literário, apenas com o avanço de estudos acadêmicos voltado para a representatividade do negro que nos dias atuais retorna como pauta mulheres negras que contribuíram em diversos campos da arte no Brasil.

1.3.3 CONCEIÇÃO EVARISTO

Ao mencionar o espaço contemporâneo, Conceição Evaristo se destaca com sua relevância neste campo atual literário. Evaristo é bastante ativa nos movimentos da valorização da cultura negra do país. Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em 1946, em uma favela da zona sul de Belo Horizonte. De família humilde com nove irmãos e sua mãe, a mesma incentivou a traçar o caminho do conhecimento. Em 1971, aos 25 anos, Conceição concluiu o curso Normal, no entanto para manter o sustento em sua casa precisou conciliar os estudos com o trabalho de doméstica.

Conceição, com desejo de avanço em seus estudos, mudou-se para o Rio de Janeiro, fez o concurso para magistério em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde teve o seu primeiro contato com o Movimento Negro, que estava “[...] cada vez mais intenso, em consonância com um momento histórico marcado pela luta da população negra norte-americana por direitos civis e pelos movimentos de descolonização dos países africanos” (MACHADO, 2014, p. 243-244).

Sua primeira publicação foi realizada através do Cadernos Negros, do grupo Quilobhoje, em que publicou seu primeiro poema:

Em 1990, Conceição publicou seu primeiro poema nos Cadernos Negros, editados pelo grupo paulista Quilombhoje. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos Cadernos, além de dois romances (2003, 2006), uma coletânea de poemas (2008) e um livro de contos (2011). Além disso, Conceição Evaristo é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011). Assim, além da obra literária, ela também tem produzido reflexões de cunho acadêmico sobre literatura negra brasileira e literatura africana. (MACHADO,2014, p. 244).

Desde então sua trajetória se firmou cada vez mais: *Ponciá Vivência* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2008), *insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Suas obras são compostas por poesia, romances e contos, abordando temáticas raciais, culturais e denúncias da condição do povo negro no Brasil. Conceição Evaristo, da voz ao povo negro que são silenciados por uma sociedade racista, em sua escrita traz as dores, sentimentos, lutas, culturas, força dessas pessoas que não são ouvidas. A autora intitula suas obras como escre(vivência), em que afirma como identidade de escrita:

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos de segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 6).

Em suas escre(vivência) Conceição, retira o personagem do silêncio, lhe dá vida e voz. Conceição Evaristo, traça uma luta pelo reconhecimento e visibilidade de suas obras, além de debater de maneira interna e externa do meio acadêmico, o reconhecimento das diversas autoras negras do âmbito literário brasileiro. Em que analisa a escrita negra uma forma de expor as vivências étnicas, de classe e gênero:

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, apud CORTÊS, 2018, p.52).

Ademais, expressa o seu sentimento sobre o ato político de publicar, em que no universo rico de escritoras negras poucas são reconhecidas apesar de sua grandiosidade, consequência do persistente preconceito racial e gênero. Evaristo em 2018 se candidatou para ocupar a cadeira sete da Academia Brasileira de Letras (ABL), o seu desejo era romper padrões, haja vista, que a academia não possui nenhuma representatividade negra, no entanto, Evaristo perdeu a vaga para o cineasta Cacá Diegues, um homem branco. Conceição Evaristo, uma das autoras negras mais conhecidas e renomadas da contemporaneidade, engajada no campo educacional, promovendo discussões de cunho crítico aos alunos afim de romper estereótipos de raça e gênero dentro da literatura.

Além dessa tríade de escritoras negras da literatura brasileira apresentada, iremos elencar outras escritoras negras que buscam reconhecimento pelo público geral:⁴

Quadro 1: Escritoras negras na literatura brasileira.

ESCRITORAS	OBRAS	ANO	EDITORA
Aidil Araújo Lima	Mulheres sagradas. (Contos)	2017	Portuário Atelier Editorial
	Páginas rasgadas (Contos)	2020	Segundo Selo
Alcidéia Miguel	Essa tal diferença.	2018	Scortecci Editora
	Diário de meus crespos versáteis	2020	Scortecci Editora
	Eu também chorei na escola,	2000	Giostrri Editora
	Sampa em contos e crônicas negras.	2019	Scortecci Editora
	Um amor feito tatuagem. (romance).	2020	Scortecci Editora
Aline França	Gully, o monstrinho amigo. (infantil).	2021	Editora Futurama
	As cores do amor.	2022	Editora Coopacesso
	A mulher de Aleduma.	1981	Clarindo Silva e Cia.Ltda.Tipografia São Judas Tadeu
Alzira dos Santos Rufino	Os Estandartes. (romance).	1995	Editora Littera
	Eu, mulher negra, resisto(poesia)	1988	Santos: edição da autora
	Qual o quê. (conto)	2006	Santos: edição da autora
	Muriquinho,piquininho (infantil)	1989	Santos: edição da autora
	A mulata do sapato lilás.. (romance).	2007	Santos: edição da autora
Ana Cruz	Alzira Rufino uma ativista feminegra. (minicontos, crônicas)	2008	
	Bolsa poética (poesia).	2010	
	E... Feito de luz.	1995	Ykenga Editorial Ltda

⁴ Acervo do Literafro: o portal da literatura afro-brasileira.Acesso em:<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras>
Acesso em: 12/03/2023

	Com o perdão da palavra. Mulheres Q'rezam Guardados da memória. Eu não quero flores de plástico.	1999 2001 2008 2016	Edição da autora Edição da autora Edição da autora Edição da autora
Ana Fátima	As tranças de minha mãe. Makeba vai à escola.	2018 2019	Editora Uirapuru Editora Cogito
Ana Maria Gonçalves	Ao lado e à margem do que sentes por mim. (romance). Um defeito de cor (romance).	2002 2006	Borboletas Record
Ana Caetano	Negra Efigênia, paixão do senhor branco.	1966	Edicel
Antonieta de Barros	Farrapos de ideias, (crônicas).	1971	Florianópolis: SCP
Carmen Faustino	Estado de Libido ou poesias de prazer e cura. (poesia).	2020	Editora Oralituras
Carolina Maria de Jesus	Quarto de despejo: diário de uma favelada. (Memórias). Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada. (Memórias). Pedacos da fome. (Memórias). Provérbios.	1960 1961 1963 1963	Organização e apresentação de Audálio Dantas. Livraria Francisco Alves Editora Paulo de Azevedo Ltda Áquila ?
Cidinha da Silva	Cada Tridente em seu lugar e outras crônicas. (Crônicas). Você me deixe, viu? Eu vou bater meu tambor! (Crônicas). Os nove pentes d'África (Novela Infantojuvenil). Oh margem! reinventa os rios! (Crônicas). Kuami. (Infantojuvenil). Racismo no Brasil e afetos correlatos. (Crônicas).	2006 2008 2009 2011 2011 2011 2013	Instituto Kuanza Mazza Edições Mazza Edições Selo Povo Kuanza Produções Nandyala Conversê Edições
Conceição Evaristo	Ponciá Vicêncio. (Romance). Becos da Memória. (Romance). Poemas da recordação e outros movimentos Insubmissas lágrimas de mulheres. (Contos). Olhos d'água. (Contos). Histórias de leves enganos e parecenças. (Contos e novela) Canção para ninar menino grande. (Novela).	2003 2006 2008 2016 2014 2018 2016 2018.	Mazza Mazza Nandyala Malê: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional Fundação Biblioteca Nacional Malê Unipalmars
Cristiane Sobral	Não vou mais lavar os pratos (Poesia). Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção. (Contos). Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz. (Poesia). O tapete voador (Contos). Terra negra. (Poesia).	2010 2011 2014 2016 2017	Editora Thesaurus Dulcina Editora Editora Teixeira Editora Malê Editora Malê

Cyana Leahy-Dios	Iombo. Íntima Paisagem. Livro das Horas do Meio Seminovos em bom estado.	1989 1997 1999 2003	Editora Cromos Sette Letras Sette Letras CL Edições
	106 falas de amor. (re)confesso poesia	2005 2009	CL Edições Sette Letras
Djamila Ribeiro	O que é lugar de fala	2017	Editora Jandaíra
	Quem tem medo do feminismo negro?	2018	Companhia das Letras
	Pequeno manual antirracista	2019	Companhia das Letras
	Racismo Estrutural	2019	Editora Jandaíra
Eliane Marques	Relicário. (poesia) E se alguém o pano. (poesia)	2009 2015	Grupo Cero Brasil Após Coup - Escola de Poesia Edição bilingue português-espanhol, com caderno de crítica em anexo
	O poço das marianas. (poesia)	2021	
Elisa Pereira	Memórias da pele. Lisboa (poesia) Sem fantasia. (contos)	2018 2020	Chiado Books Editora Venas Abiertas
Elizandra Souza	Águas da cabaça. (poesia).	2012	Edição da Autora
	Filha do fogo: doze contos de amor e cura. Quem pode acalmar esse redemoinho de ser mulher preta? (poesia).	2020	Mjiba
		2021	Mjiba
Esmeralda Ribeiro	Malungos e milongas (<i>Contos</i>) Orukomi - meu nome.	1988 2007	Edição da autora Quilombhoje,
Fernanda Bastos	Dessa cor. (<i>Poesia</i>).	2018	Figura de Linguagem
	Eu vou piorar. (<i>Poesia</i>).	2020	Figura de Linguagem
Geni Guimaraes	Terceiro filho (poesia).	1979	Editora Jalo
	Da flor o afeto, da pedra o protesto. (poesia).	1981 1988	Edição da Autora Fundação Nestlé de Cultura
	Leite do peito (contos).	1989	Editora FTD
	A cor da ternura (contos).	1993	Ed. da Autora
	Balé das emoções (poesia).	1995	Editora Santuário
	A dona das folhas. (infantil).		
	O rádio de Gabriel. (infantil).	1995	Editora Santuário Ed. da Autora
	Aquilo que a mãe não quer (infantil).		
	Leite do peito. (contos, reedição revista e ampliada).	1998	Mazza Edições
	O pênalti. (infantil).	2001	Editora Malê
	Poemas do regresso	2019 2020	Editora Malê
Heloisa Pires Lima	Benjamin, o filho da felicidade.	2007	Editora FTD Edições
	O comedor de nuvens.	2009	Paulinas Selo Amarylis
	O marimbondo do quilombo	2010	
	O que a anja contou para a criança negra?	2011	Escrita fina
	O coração do baobá. Rio de Janeiro.	2014	Amarilyis
Inaldete Pinheiro	Cinco Cantigas para você contar.	1989	Produção Alternativa
		1989	Produção Alternativa
	Pai Adão era Nagô.	2007	? ?

	A Calunga e o Maracatu Baobás de Ipojuca.. Coleção Velhas Histórias, Novas Leituras. Uma aventura do velho baobá.	2008 2010 2022	Edição do autor Editora Pequena Zaha
Jenyffer Nascimento	Pretextos de Mulheres Negras.	2013	Mjiba
Jussara Santos	De flores artificiais. (Contos) Com afagos e margaridas. (Contos) Indira.(Infantojuvenil) Crespim. (Infantojuvenil) Samba de santos.,. (poemas)	2002 2006 2009 2013 2015	Sobá Quarto Setor Editorial Nandyala Impressões de Minas Edições de Minas
Kiusam de Oliveira	<i>Omo-Oba Histórias de Princesas</i> (Infantojuvenil) <i>O Mundo no Black Power de Tayó.</i> (Infantil) <i>O mar que banha a ilha de</i> <i>Goré.</i> (Infantojuvenil)	2009 2013 2014	Mazza Edições Peirópolis Peirópolis
Leda Maria Martins	Cantigas de Amores. (Poesia). O moderno teatro de Qorpo-Santo. (Ensaio). A cena em sombras. (Ensaio). Afrografias da memória. (Ensaio). Os dias anônimos. (Poesia).	1983 1991 1995 1997 1999	Edição do Autor UFMG/UFOP Perspectiva Mazza Edições Sette Letras
Lia Vieira	Eu, mulher – mural de poesias. Chica da Silva – a mulher que inventou o mar. (infantojuvenil). Só as mulheres sangram. (contos).	1990 2001 2011	Edição da autora Editorial Independente Nandyala
Lilian Paula S e Deus	A palavra em preto e branco. (<i>poesia</i>). Não é preciso ter útero para ser mulher. (<i>contos</i>). Os caras da casa de vidro. (romance).	2017 2020 2022	Clock-t Edições e Artes Editora Voz Mulher Editora Patuá
Lilian Rocha	A vida pulsa - Poesias e reflexões Negra soul (poesia). Menina de tranças. (poesia).	2013 2016 2018	Editora Alternativa Editora Alternativa Editora Taverna
Livia Natalia	Água negra. (poesia). Correntezas e outros estudos marinhos. (poesia). Água negra e outras águas. Salvador:(poesia). Dia bonito pra chover. (poesia). Sobejos do mar. (poesia). As férias fantásticas de Lili. (infantojuvenil).	2011 2015 2016 2017 2017 2018	EPP Ogum's Toques Negros EPP Malê Caramurê Ciclo Contínuo
Madu Costa	A Janta da Anta. Meninas negras. Koumba e o Tambor Diambê. A Caixa de surpresa. Cadarços Desamarrados. Lápis de cor, Zumbi dos Palmares em cordel. Embolando palavras.	2000 2006 2006 2009 2009 2012 2013 2014	Ed. Imprensa Nacional Mazza Edições Mazza Edições Nandyala Mazza Edições Nandyala Mazza Edições Peninha Edições
Mãe Beata de Yemonjá	Caroço de dendê: <i>a</i> sabedoria dos terreiros. (Contos).	2002 2004	Pallas Terceira Margem

	Histórias que a minha avó contava. (Contos).		
Mãe Stella de Oxóssi	Meu tempo é agora. (Contos) Ôsòsi: o caçador de alegrias. (Contos). Epé Laiyê terra viva. (<i>Infantil</i>). O que as folhas cantam: para quem canta folha.	1993 2006 2009 2014	Editora Oduduwa Secult – Secretaria de Cultura da Bahia Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá Edição da autora
Maria Firmina dos Reis	Úrsula: romance original brasileiro.	1859	Typographia do Progresso
Maria Helena Vargas	Odara - Fantasia e Realidade Negrada Tipuana. O Encontro. As filhas das lavadeiras.	1993 1994 1997 2000 2002	Grupo Editorial Rainha Ginga Grupo Editorial Rainha Ginga Grupo Editorial Rainha Ginga Grupo Editorial Rainha Ginga Grupo Cultural Rainha Ginga
Mirian Alves	Momentos de busca. (Poesia) Estrelas no dedo. (Poesia) Mulher mat(r)iz. (Contos) Bará na trilha do vento (Romance) Maréia. (Romance) Poemas reunidos.,	1983 1985 2011 2015 2019 2022	Edição da autora Edição da autora Nandyala Ogum's Toques Negros Malê Fósforo
Natasha Felix	Use o alicate agora. 9 poemas.	2018 2019	Editora Macondo Las Hortensias
Neide Almeida	Um girassol nos teus cabelos: poemas para Marielle Franco. Poemas para combater o fascismo.	2018 2018	Quintal Edições Publicação independente
Patrícia Santana	Entremeio sem babado. (infantil). Minha mãe é negra sim. (infantil). Cheirinho de neném. (infantil).	2007 2008 2011	Mazza Edições Mazza Edições
Raquel Almeida	Sagrado Sopro – do solo que renasço. (poesia). Contos de Yõnu.	2014 2019	Elo da Corrente Edições Elo da Corrente Edições
Rita Santana	Ramela (contos). Tratado das Veias. (poesia). Alforrias. (poesia). Cortesarias. (poesia).	2004 2006 2012 2019	Casa de Palavras Selo Letras da Bahia Editus EPP Publicações
Ruth Guimarães	Água funda. (romance).	1946	Edição da Livraria do Globo
Sandra Menezes	O céu entre mundos. (romance).	2021	Editora Malê
Sônia de Fátima da Conceição	Marcas, sonhos e raízes. (novela).	1991	Ed. da Autora
Tatiana Nascimento	Esboço	2016	Padê editorial
Zeinne Lima	Pequenas ficções de memória. Canções para desacordar os homens Pedra sobre pedra.	2018 2020 2020	Editora Patuá Veiculação independente em meio digital Editora Venas Abiertas

Percebe-se que há inúmeras escritoras negras ativas no Brasil, no entanto, têm suas obras invisibilizadas pelo padrão literário. Podemos destacar também que muitas das autoras citadas

acima publicam de maneira independente, a escritora contemporânea Conceição Evaristo, enquanto mulher negra e escritora tece sua crítica acerca das dificuldades em publicar livros:

O ato político de escrever vem acrescido ato de publicar de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a ser vencidos, não se localizada apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecido. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social. (EVARISTO, 2017, p.08)

O resultado dessa segregação é presente na trajetória dessas autoras que sem apoio publicam de maneira independente ou informal. Faz-se necessário discussões acerca da temática para que essa diversidade de obras alcance o público, contribuindo para o crescimento e desconstruções do racismo presente na sociedade e dentro de sala de aula.

CAPÍTULO II

2.1 PROCESSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa, intitulada *A representatividade da mulher negra na Literatura Brasileira*, tem como objetivo refletir sobre questões relativas a mulher negra a partir do resgate da literatura de autoria feminina negra, o reconhecimento dessas autoras no cenário literário brasileiro através de discussões que envolve tal problemática, afim de que o público leitor compreenda o processo desse apagamento que se perpetua no interior do cânone literário, e reconheça a importância da representatividade que essas autoras trazem em suas obras. Nesse processo foi selecionada a tríade: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, para apresentação ao público receptor. É indiscutível a importância da literatura de autoras negras brasileiras na luta contra o preconceito racial, como analisa o professor Paulo Freire:

Dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais... não é possível o diálogo entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. (FREIRE, 1996, p. 77)

A população negra brasileira, sempre foi cercada de desafios, o ato da palavra sempre foi direito apenas de uma parcela da sociedade a mesma que silenciava e inviabilizava a população negra. Em relação a literatura brasileira, verifica-se que as obras produzidas por autoras negras são esquecidas no cenário editorial, desconhecidas pelo público em geral e pouco estudadas nas escolas.

Para obtermos um parâmetro acerca da problematização apresentada nesta pesquisa, foi realizada uma pesquisa qualitativa “a observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas” Ludke e André (1986), em que se refere a análise do apagamento dessas escritoras nas escolas de ensino básico e de que forma essa literatura pode contribuir no processo de educação do leitor crítico e como deve ser utilizada na prevenção do racismo, no qual será realizada uma análise das obras dessas três escritoras pouco presente em sala de aula.

A pesquisa possui fundamentação teórica com base nas ideias e pressupostos das autoras que contribuem acerca da temática, a feminista norte-americana Angela Davis, *Mulher, Raça e Classe*, da teórica social feminista Bell Hooks e a filósofa brasileira Djamilia Ribeiro *Quem tem medo do feminismo negro*. Dessa forma por ser uma pesquisa qualitativa, foi necessário observar os conhecimentos básicos do aluno acerca da literatura produzida por mulheres negras, se está presente em sua bagagem cultural, também foi preciso observar de que maneira é abordada em sala de aula. Em seguida apresentar as obras das três escritoras selecionadas: Maria Firmina do Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, e dialogar de maneira crítico reflexiva as questões étnico racial e de gênero, e principalmente as contribuições das autoras e a representatividade presente nas obras.

Compreende-se que o ensino da Literatura produzida por mulheres negras é uma ferramenta fundamental para o enriquecimento ideológico e cultural do indivíduo e, principalmente, ao aluno negro para que se sinta representado nos livros literários. É através dessa literatura presente em sala de aula que podemos resgatar a identidade do aluno(a) negro (a), assim sendo um agente transformador afim de uma desconstrução social do preconceito racial.

O apagamento das produções de mulheres negras na literatura brasileira, tem como plano de fundo a construção de uma sociedade com resquícios do patriarcado e condições raciais. Historicamente, as mulheres foram oprimidas e consideradas inferiores no campo intelectual. Inúmeras obras da literatura brasileira foram produzidas por homens, considerando-se, que as mulheres não possuíam acesso à educação, somente eram ofertados ensinamentos com finalidade ao lar, cozinhar, costurar e saberes do cuidado aos filhos; enquanto o homem

tinha acesso a conhecimentos das melhores qualidades e diferente áreas, o que consequentemente influenciou as produções e estéticas do cânone literário brasileiro. Como explica, Priore (2004):

O século XIX não via com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras. As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de ideia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair (PRIORE, 2004, p.340).

As mulheres que demonstravam interesses em ocupar lugares que não estavam de acordo com o padrão, eram vistas com rebeldia. “A situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades que encontra na vida e cria um círculo vicioso: como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública, e não recebe instrução porque não participa dela” (PRIORE, 2004, p. 339).

O cânone se construía de privilégios, atribuindo preferência a determinado grupo de escritores pertencentes a classe social dominante, no que diz respeito a raça, gênero, valor monetário e principalmente estilo literário da época. Em efeito, muitos escritores que não faziam parte do padrão, passaram por um processo de exclusão. Incluindo mulheres, que não tinham acesso à educação, mantinham sua formação por meio do autodidatismo, e apenas conseguiam publicar seus livros por meio do pseudônimo, temos como exemplo, Maria Firmina dos Reis.

As oportunidades de estudo para as moças eram mínimas. Gonçalves Dias (1823-1864), o grande poeta romântico nascido no Maranhão, estudou em Coimbra enquanto sua conterrânea estudou sozinha. É difícil, pela documentação, conhecermos as leituras de Maria Firmina dos Reis, mas, como fez traduções do francês para publicações, sabemos que dominava esse idioma (PRIORE, 2004, p. 343).

O padrão imposto na sociedade manteve escritores e produções no esquecimento, a exemplo desta desigualdade estão as mulheres negras, sem espaço de representações como personagens nas produções, nem tão pouco reconhecimento como mulheres capazes de sua contribuição na literatura brasileira. Como Evaristo, nos evidencia:

Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é, como atos de criação linguística, a literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos. Partindo dessas primícias, pode ser observado que a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor (EVARISTO, 2005, p. 05).

A figura da mulher negra nos livros literários, ainda que escassa, se mantém sob a perspectiva do homem, ou seja, são representadas apenas na figura de escravas e a serviço, em atividades braçais ou até mesmo no prazer de seus senhores. Enquanto autoras e construtoras da literatura a mulher negra não possuem espaço e valorização em comparação ao homem. Essa discrepância muito se dá pelo padrão social estabelecido no território brasileiro, em que colocou à margem da literatura mulheres e negros.

No acervo literário brasileiro, há inúmeras obras de mulheres negras, no entanto, no decorrer do tempo foram silenciadas, esquecidas e hoje percebemos o quanto são desconhecidas. Ainda que desde o século XIX mulheres travam lutas para serem inseridas no âmbito educacional, a mulher negra, sempre esteve presente no processo da ruptura, no entanto, ainda permanece excluída e longe do protagonismo na criação e conteúdo dessa literatura brasileira. Conceição Evaristo destaca:

Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2005, p. 2).

Podemos perceber, que autoras negras ainda são omitidas. Esse cenário ainda faz parte da contemporaneidade que ainda há um desconhecimento do próprio povo acerca das mulheres negras. Nesse sentido, torna-se indiscutível a importância de abordar discussões sobre o apagamento das autoras negras da literatura brasileira, essas mulheres que tanto lutam pelo protagonismo e pela oportunidade de escrever suas lutas e história do seu povo. É com base nessa perspectiva, que motivaram o desenvolvimento da pesquisa.

Considerando o papel fundamental da escola como agente transformado na vida dos alunos afim de formar leitores críticos reflexivos, faz necessário cada vez mais a presença da literatura na construção do sujeito, com o poder de mobilizar os saberes através da escrita, tornando um ambiente escolar pacífico em relação as diferenças raciais. No entanto, o que se percebe é a negação da escola em garantir o direito da população negra de se ver inserido no meio educacional, após 20 anos da implementação da Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, a exclusão se faz persistente principalmente nas práticas docente.

Desse modo, abordar a literatura feita por mulheres negras no ensino da literatura, pode ser uma maneira em que haja uma reparação de injustiças sofrida por essas mulheres que foram esquecidas e principalmente para que desconstrua o racismo estrutural presente no campo

educacional, a fim de entender e valorizar a história, cultura, luta do povo negro na sociedade brasileira.

A princípio foi necessário a realização de um questionário direcionado primeiramente aos acadêmicos do 2º período do curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), para sabermos sobre o conhecimento dos professores em formação acerca da presença negra na literatura brasileira. A autoras Schumacher dialoga sobre a presença do negro na academia:

Embora os brasileiros, e especialmente as mulheres negras venham, pouco a pouco, aumentando sua presença nas instituições de ensino superior, a situação ainda está longe do ideal. A ampliação do acesso à escola não significou o fim das desigualdades raciais, já que a proporção de negros com doze anos de estudo é quatro vezes menor do que a de brancos na mesma faixa etária (SCHUMACHER, 2006, p. 225).

A presença negra no cenário acadêmico é inferior quando se compara ao branco, podemos ver o reflexo também nas abordagens do negro em sala de aula, percebe-se a inviabilidade em duas esferas no mesmo lugar. No segundo momento foi apresentado o questionário aos alunos da educação básica das turmas do 2º e 3º ano do ensino médio em duas escolas públicas localizada na cidade de Parintins-AM.

A escolha das escritoras negras Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, para que através da trajetória dessas três mulheres fosse observado a contribuição na construção de uma literatura em que mulheres negras fossem presentes, e como a literatura dessas mulheres trazem uma estética de denúncia social, trazendo reflexões de temas necessários para a sala de aula.

As técnicas desenvolvidas para a realização dessa pesquisa, fez-se necessário a aplicação de questionários, como explica Severino (2013), “conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”, em que através dessas respostas poderemos analisar os conhecimentos dos alunos sobre o conteúdo proposto, essas observações “permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa” (SEVERINO 2013, p.109).

Sendo assim, desenvolvida a parte didática da pesquisa, foi apresentado um breve percurso histórico da mulher negra na sociedade; por conseguinte a mulher negra na literatura brasileira as representações e autorrepresentações; apresentação das autoras negras para os alunos e um pequeno trecho retirado das obras de cada autora para uma análise e discussões em que buscou ter um parâmetro do aluno o foco principal, e o compartilhamento dos pensamentos

com os demais colegas. Após a discussões sobre o assunto, foi repassado o questionário aos alunos.

Para a obtenção de respostas para a solução dos problemas apresentado, a presente pesquisa desenvolveu-se as seguintes etapas:

1. Levantamento bibliográfico e histórico para a análise da mulher negra no meio social brasileira;
2. Estudo para obter percepção de como está inserida a mulher negra na Literatura Brasileira e de que maneira é abordada em sala de aula;
3. Realização da coleta de dados através da aplicação de aula e entrevistas com os alunos e acadêmicos de letras com a finalidade de obter uma percepção sobre o apagamento das mulheres negras na literatura brasileira;
4. Análise das respostas obtidas da coleta de dados em sala de aula;
5. Parâmetro do apagamento e as representações de mulheres negras da literatura brasileira a partir das respostas coletadas.

Por meio destas observações e respostas de dados que se pretende verificar o apagamento dessas autoras na literatura brasileira em sala de aula, verificar de que maneira são citadas pelos alunos e acadêmicos, a fim de apresentar ao professor e ao público em geral como a Literatura produzida por mulheres negras pode ser uma ferramenta de combate ao racismo. Apontar inúmeras possibilidades de trabalhar com a linguagem presente nas escritas dessas mulheres temas relacionados a denúncias sociais e principalmente recriar um novo olhar sobre as mulheres negras no campo intelectual.

CAPÍTULO III

3.1 ANÁLISE DE DADOS

Neste tópico, será apresentado os dados obtidos pela pesquisa. A quantidade de respostas obtidas foi inferior ao esperado, tanto no espaço acadêmico, quanto no espaço da escola básica. Pressupõe-se que a mulher negra como produtora e como personagem na literatura brasileira, são quase que invisíveis no meio escolar. É possível afirmar que os espaços em branco deixados pelos alunos, se dá pelo apagamento dessas mulheres na literatura brasileira, por parte das instituições acadêmicas e escolas públicas. No entanto foi selecionado três respostas para serem analisadas.

Os acadêmicos de letras que responderam ao questionário, de forma unânime disseram não ter conhecimento nem contato com produções da literatura negra, verifica-se o desconhecimento por parte de professores em formação a literatura produzida por mulheres negras. Confirmando a análise da pesquisadora Jéssica Raul (2016), sobre as condições das mulheres negras e luta pela igualdade, pois “raça, gênero e classe podem explicar a manutenção das desigualdades em relação às mulheres negras, na qual o acesso diferenciado à educação e ao mercado de trabalho garantem sua manutenção” (RAUL, 2016, p. 292).

Em relação à literatura brasileira, as obras produzidas por autoras negras não possuem um alcance efetivo nas escolas e quase não estão presentes nos livros didáticos. Sobre identificação das personagens femininas negras nos livros literários e como eram descritos os alunos responderam: Aluno 1) “Haviam personagens negros porém grande parte senão todos estavam na posição de empregados”; Aluno 2) “A negrinha, era uma menina órfã que era escrava de uma casa onde era humilhada sofria apesar de ter tão pouca idade”; Aluno 3) “Sim, geralmente os personagens negros são donos de histórias sofridas por conta da cor e as mulheres negras são consideradas mulheres e representam muita sensualidade”.

Através dessas respostas percebemos os reflexos de estereótipos destinado à mulher negra que são representadas ora como escravas, ora como objeto sexual. Na literatura brasileira, há uma lacuna quando se refere aos sentimentos das mulheres negras, haja vista que essa estética é contrária ao padrão imposto. Podemos analisar, pelo lugar de falar exercido por Conceição Evaristo:

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus (EVARISTO, 2005, p.53).

Torna-se evidente que explorar as diversas obras de autoras negras que atualmente exercem um papel importante na autorrepresentação literária, com intuito de quebrar o ciclo de estereótipos racistas que ainda permanece na literatura, através de sua escrita mulheres negras se descrevem e deixam de serem descritas, escancara suas lutas, desejos, sentimentos e a cultura do seu povo.

Sobre o questionamento feito sobre os alunos conhecerem alguma autora negra da literatura brasileira, entre alunos do curso de letras quanto da turma do ensino médio. Os alunos responderam: Aluno 1) “Passei a conhecer a Conceição Evaristo agora na explicação dada, obra chamativa achei interessante ler a parte do livro Ponciá Vicêncio”; Aluno 2) “Não lembro agora”; Aluno 3) “Não sei”; Aluno 4) Ainda não conheço”, reforça as afirmações realizadas

sobre a trajetória das mulheres negras no âmbito literário, um espaço marcado pelo preconceito, invisibilidade, silenciamento, resistências e luta pelo reconhecimento.

Após anos da conquista de exercer o papel de escritoras, ainda lutam contra um espaço que ainda se mantém predominantemente masculino. A escritora Jarid Arraes, em uma entrevista manifesta os problemas enfrentados por ela enquanto escritora negra, “Ser escritora no Brasil é lutar contra monstros que continuam vivos desde a época da colonização e que mudam suas roupinhas para ganharem uma aparência menos severa, mas continuam fortes e extremamente cínicos”⁵

Acerca dessa perspectiva, percebemos o desconhecimento dessas autoras negras no ensino da escola de Parintins, há uma deficiência explícita nas respostas dos alunos, onde a literatura que está presente na sala de aula inviabiliza a mulher negra tanto como autoras e personagens nos livros. Somado a essa problemática, em uma busca na biblioteca da escola em questão, havia apenas um livro sobre temática dos povos negros, *Cadernos Negros: Contos Afro-Brasileiros* (2007). Contribuindo para essa deficiência literária dos alunos e principalmente para a negação do direito educacional garantido pela Lei 10.639 que alerta sobre a negligência do ensino brasileiro.

3.1.1 APRENDENDO E ENSINANDO COM A ESCREVIVÊNCIA DA TRIÁDE: MARIA FIRMINA DOS REIS, CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO.

Neste tópico apresentaremos as similaridades presentes nas obras dessas autoras. Analisando a escre(vivências) dessas três autoras negras, que viveram em diferentes épocas, no entanto, compartilharam o duro preconceito sob os negros no Brasil. Por meio dessas escre(vivências) podemos aprender e ensinar. A coragem com que enfrentaram o preconceito abriu porta para um novo modo de enxergar as mulheres negras na sociedade, diante de toda a exclusão que viveram e que ainda vivem. Atualmente vivemos em um novo cenário onde mulheres negras podem expressar suas dores.

Para isso, Maria Firmina do Reis, com seu pioneirismo, inovou de maneira cautelosa e corajosa, um universo antes apenas possuído por homens. O ato de resistência, se da pela publicação do primeiro romance brasileiro. *Úrsula* (1988), a obra que narra o amor entre a jovem Úrsula e o seu amado bacharel em direito Tancredo, porém, o que mais chama atenção

⁵ Comentário da escritora Jarid Arraes concedido a entrevista realizada ano de 2017 ao portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/questoes-de-genero/page/786/>. Acesso em: 25/02/2023

é como Túlio amigo do casal é abordado na obra, enquanto escravo que vivenciou esse lugar desde as embarcações vindas para o Brasil Colônia. A obra aborda temas que na época eram vistos de maneira negativa.

Deve-se destacar o sentimento de impotência dos personagens em relação a opressão sofrida por eles, apesar da obra fazer parte da terceira geração do romantismo, em que predominava a estética “condoreira”, pouco se via com bons olhos discussões como essa principalmente enquanto mulher negra. Percebemos como Maria Firmina do Reis, narra sua inquietação sobre a escravidão: “-Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima –ama a teu próximo como a ti mesmo- e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!” (REIS, 1988, p. 23).

A figura do escravo é descrita a partir do personagem Tulio, que expressa seu descontentamento, enquanto escravo. Essa condição de escravizado muda quando Tulio ajuda Tancredo após sofrer um acidente, como forma de agradecimento Tancredo proporciona sua alforria:

–Tu! Tu livre? Ah não me iludas! –exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?... – Iludi-la! –respondeu ele, rindo-se de felicidade – e para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo é hoje livre, livre como o pássaro, como as águas: livre como o éreis na vossa pátria (REIS, 1988, p. 114).

Entende-se por *Escre(vivência)*⁶, como a forma de escrever vivências. Pode-se destacar que Maria Firmina do Reis, em seu livro deixa explícito as recordações, e vivências de quem sofreu no período escravocrata, desde a vinda nos navios de tráfico. Como dialoga com a personagem Susana que questiona a “liberdade” recebida por Túlio:

– E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira - era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão... Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... (REIS, 1988, p. 117).

A personagem Susana, ainda acrescenta:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta

⁶ “O termo escrevivência foi utilizado pela primeira vez em 1995, no Seminário Mulher e Literatura. Conceição Evaristo, sua criadora, diz que ele surgiu da junção entre “escrever” e “viver”, ou seja, uma forma de “escrever vivências” Disponível em: <https://literarioafeto.medium.com/o-que-%C3%A9-escreviv%C3%Aancia> Acesso em: 21/03/ 2023

absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa (REIS, 1988, p. 117).

Em um outro momento da história do Brasil, precisamente após 28 anos da publicação do primeiro livro feito por uma mulher negra. Carolina Maria de Jesus, também assumiria seu ato de resistência, com a publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960)*, sua trajetória é marcada pelo rompimento de uma condição dura em negros vivem nas favelas. Seu diário é uma fonte de escre(vivências) que nos permite um olhar aprofundado daquela realidade, diferente do que é narrado nos livros de histórias. Carolina, narrou dia após dia, seu cotidiano enquanto catadora de materiais recicláveis, a autora dava voz também a inúmeras pessoas negras que partilhavam da mesma condição, mas não tiveram a mesma oportunidade.

Carolina Maria de Jesus, traz à tona o racismo velado na sociedade brasileira, a vivência de uma mãe solteira que precisa ir à luta para sustentar seus filhos, e que em um mundo cheio de adversidade ainda matem viva os seus sonhos e o desejo pela escrita. “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam— me: - É pena você ser preta” (JESUS, 1960, p. 69). Jesus, era uma mulher a frente do seu tempo, apesar de viver o racismo diariamente, a autora descrevia a valorização e orgulho de ser negra [...] adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. [...] Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. [...] A natureza não seleciona ninguém” (p. 58).

Carolina, não denunciava apenas o racismo, bem como a igualdade de gênero. A sociedade brasileira, ainda mantém uma cultura racista, machista e misógina resquícios do patriarcado:

...Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estinguem as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os espôsos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os espôsos quando vê as espôsas manter o lar, não saram nunca mais (JESUS, 1960, p. 21,22).

Carolina, vivia onde as pessoas que estavam a margem da sociedade brasileira era designada pelo governo, o livro foi escrito em um momento inicial da favela de Canindé. E a escritora diante dessa condição ainda mantém sua escrita o desejo pela ascensão social

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim, e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2000, p. 52).

É foi por meio da escrita de sua escre(vivência) que Carolina Maria de Jesus, tornou-se conhecida pelos seus diários, rompeu as barreiras sociais, raciais que estavam presente no cenário literário.

Em um Brasil contemporâneo, tem-se a escritora negra Conceição Evaristo, criadora do termo *escre(vivência)*. Evaristo é uma escritora de grande importância para a população negra, em suas obras carrega a resistência as condições da mulher negra na sociedade e a busca pelo reconhecimento de seus livros:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005a, p. 202).

Na obra *Ponciá Vicêncio* (2003), um cenário que pouco se alterou dos demais vividos por Maria Firmina e Carolina Maria. Narra a história da protagonista, cujo nome dá título à obra, em que a mesma é “marcada por perdas irreparáveis, desencontros, rupturas sociais e psicológicas e desmembramento familiar e cultural”. Araújo (2007, p.76). Ponciá Vicêncio, traz discussões a respeito de sua identidade, uma vez que seu sobrenome, Vicêncio, é uma herança da escravidão, sobrenome do senhor dos escravos marca símbolo de propriedade do coronel.

Pode-se perceber, em Ponciá, a similaridade com as demais obras citadas, a revolta e resistência acerca das condições em que vive o negro no Brasil. Ponciá, experienciou escravidão e que agora encontra-se em momento pós abolição da escravatura, mas que não percebe as mudanças e, ainda precisa lutar para sobreviver. A escritora Angla Davis, faz reflexões acerca da “liberdade”.

Depois de um quarto de século de “liberdade”, um grande número de mulheres negras ainda trabalhava no campo. Aquelas que conseguiam ir para a casa-grande encontraram a porta trancada para novas oportunidades – a menos que preferissem, por exemplo, lavar roupas em casa para diversas famílias brancas em vez de realizar diversos serviços domésticos variados para uma única família branca (DAVIS, 1944, p. 95).

Esse descontentamento da protagonista se dá ao ciclo que não se encerrou. Ponciá, ainda precisa trabalhar como antes para sobreviver, todo esforço sendo em prol ao enriquecimento do coronel:

Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações,

cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo dia (EVARISTO, 2003, p.33).

A protagonista diante do ciclo de opressão, perdas e violência tanto fora como dentro de sua casa, quando descreve a agressividade de seu marido. Essas denúncias feita por Evaristo é realidade de inúmeras mulheres na sociedade. Diante da vida dura, Ponciá, sai em busca de uma condição de vida melhor na cidade, sua família permanecia na miséria, marcada por perdas, violências:

Crescera na pobreza. Os pais, os avós, as bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saiam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Um sobras de roupa e alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez, e desesperançado de outra forma de vida (EVARISTO, 2003, p.82).

A personagem Ponciá Vicêncio, depois de tato ter sonhado e idealizado uma condição de vida melhor, digna de qualquer ser humano, Ponciá, ver seus sonhos perdidos no tempo, assim como a de seu povo, haja vista, que o “fim” da escravidão nunca ocorreu. “A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava, também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida” (EVARISTO, 2003, p.83).

As escritoras negras Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, todas carregam em suas obras denúncias das condições de seu povo através das narrativas de seus personagens que protagonizaram em diferentes momentos da história da sociedade brasileira. Nas escre(vivências) das autoras, as motivações são as mesmas a desigualdade que sempre fez parte da vida da população negra. Em uma entrevista, Conceição Evaristo, fala sobre sua identidade através da escre(vivência):

É uma longa história. Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que

borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casagrande.⁷

Neste sentido, essas autoras são exemplos de escre(vivência), concedem a voz para povo negro, em que a voz foi silenciada historicamente, podemos compreender a reescritura da história. Dessa forma, é inegável o papel relevante das obras dessas autoras, dar visibilidade as suas produções, levar para a sala de aula, a fim de desconstruir o padrão euro centrado, para que de fato a escola tenha uma perspectiva multicultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar o surgimento de escritoras negras na literatura brasileira e a maneira que representam uma ferramenta de luta e resistência do movimento negro, na busca pela igualdade racial e de gênero. Por meio da escrita de mulheres como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, através de suas escre(vivências), denunciaram as desigualdades sociais e raciais vividas pela população negra.

Por meio de levantamento bibliográfico podemos entender o apagamento que as escritoras negras vivenciam no contexto literário brasileiro, consequências do preconceito racial e de gênero. As mulheres negras quando inseridas nos livros literários eram descritas sob estereótipos negativos como analisa Conceição Evaristo (2005) “na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas.

Na Literatura Brasileira, as mulheres negras aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço*, (1890) de Aloísio de Azevedo, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, Gabriela, Cravo e Canela, (1958) de Jorge Amado, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais”.

Desta maneira, salienta-se que durante o processo da pesquisa, foi realizado um levantamento na escola básica e turma de Letras da universidade de Parintins, para obter uma

⁷ Entrevista realizada em 09/11/2020 Ayrine Santana, Itaú Social, e Alecsandra Zapparoli, Rede Galápagos, São Paulo. Acesso em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem>

perspectiva do reconhecimento dos alunos sobre a literatura brasileira representada pela mulher negra. Com isso destaca-se o papel importante do ensino educacional e acadêmico, mediar o contato dos alunos com essa literatura, com objetivo de expandir o conhecimento de diferentes culturas e raça, a prevenção do preconceito racial e conseqüentemente o reconhecimento dessas autoras negras no cenário literário.

Nas escre(vivências), analisadas a partir das obras de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, percebe a representatividade que essas autoras trazem em suas obras, em que concede a voz a este povo, tirando-lhe do lugar de silêncio e invisibilidade. Narrando a história que por muito tempo foi excluída do cânone literário, em que descrevem as lembranças, vivências, cultura, infância e experiências, deixam de ser descritas e passam a se descrever.

É por meio da visibilidade dessas autoras que podemos construir um campo literário sem padrões que excluem uma parcela tanto como personagens que protagonizam histórias, assim como autoras que protagonizam no setor editorial. Rompendo as amarras das diferenças de raça, gênero e classe. Em que a Lei 10.639/2003 nos intima a essa mudança interna e externa em ações do ensino brasileiro, para que torne a escola cada vez mais inclusiva e libertadora.

O apagamento de mulheres negras na literatura brasileira, foi o que impulsionou a realização desta pesquisa. Enquanto futura professora de Língua portuguesa e mulher negra, percebo diariamente essa ausência, o vazio de representatividade nos livros literários, que provém do ensino básico que não garantiu o direito ao ensino multicultural. O primeiro contato ocorreu de forma tímida apenas no âmbito acadêmico, com o amadurecimento intelectual pude perceber a importância de se estudar obras de escritoras negras, e de torna-las presente nas futuras aulas de literatura lecionada por mim. É preciso que medidas sejam tomadas, por meio de professores, enquanto agentes transformadores, Estado e sociedade em geral, para que não permitam que obras de escritoras negras se percam no tempo e esquecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Jamile Carla dos Santos. O apagamento de escritoras negras no ensino de literatura. **I SIELLI – Simpósio Internacional de Estudos sobre Língua, Literatura e Interculturalidade e XIX Encontro de Letras**. Goiás, 2020.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019

ARRAES, Jarid. Nordestina, mulher e negra em matéria publicada no Portal Geledés em 20/04/2017- Questões de Gênero. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/questoes-de-genero/page/786/>. Acesso em: 25/02/2023

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6^a. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CUNHA, Ana Valéria Lima. **Mulher negra, raça e gênero: o feminismo negro como caminho para a efetivação do direito à igualdade**. Da representação à auto apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. In: *Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira*. Brasília: Fundação Palmares/Minc, Ano 1, n^o. 1, agosto, 2005.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1^a ed. São Paulo. Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1^a ed. São Paulo. Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância Lima Duarte. **Feminismo e literatura no Brasil**. *Estudos Avançados*, 17(49), 151-172. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S01034>

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GABRIEL, Edgar Godoi. **Uma existência atópica: vida e obra de Carolina Maria de Jesus**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 11, n^o 01. São Paulo: jan/jul, 2019
Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa - ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

GOUGES, Olympe. **Declaração dos direitos da mulher e da cidadã**. Disponível em: <http://www3.uma.pt/blogs/christineescallier/wpcontent/uploads/2010/12/prefaciodeclaracao-de-olympede-gouges.pdf>>. Acesso em: 19/06/2022

HOOHS, Bell. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo**. 1^a ed. 1981. Traduzido para a Plataforma Gueto, 2014. PDF.

JORGE, Grácia Lorena da Silva; SOARES Cecília Moreira. **Mulher negra na literatura: a palavra como instrumento de luta e resistência**. Revista Temas em Educação. João Pessoa, v. 29, n. 3,

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A.A **pesquisa em educacao: abordagens qualitativas**. São Paulo:EPU, 1986

MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. Revista História Oral, v.1, p.243-265, jan./jun. 2014.

MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. **Revista História Oral**, v.1, p.243-265, jan./jun. 2014.

NASCIMENTO, A. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. Estudos Avançados. São Paulo, v. 18, n. 50, abril. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>, p.209-224. Acessado em 19/01/2023

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Ver. Polít., Curitiba, v.18, n.36, p.15-26. 2010.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil** / (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: 2018.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro?.C

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org.). **Mulheres negras do Brasil**.co-edição Redeh – Rede de Desenvolvimento Humano e Senac Editoras.Ed, 2006

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues. organização. Dossiê Esperança Garcia: símbolo de resistência na luta pelo direito. Teresina: EDUFPI,2017.

SOUZA, Elio Ferreira de. **A carta da escrava Esperança Garcia de Nazaré do Piauí: uma narrativa de testemunho precursora da literatura Afro-Brasileira**. In: Literatura

TOKITA, Márcia Figueiredo. **Mulheres negras**. Anais do V simpósio internacional lutas sociais na américa latina, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PESQUISA DE CAMPO PARA VERIFICAR O CONHECIMENTO DO ALUNO SOBRE O TEMA

1. Acerca da Literatura Negra, você tem contato ou conhece alguma produção? Qual?
2. Nas aulas de Literatura Brasileira, você identificou a presença de personagens negros(a) nos livros literários? Explique como eram descritos?
3. Que personagem negro(a) chamou mais atenção nos livros de Literatura?
4. Você conhece alguma escritora Negra? Se sim, quais?
5. Para você qual a importância da presença de escritoras negras na Literatura Brasileira?
6. Como você observa a personagem **Ponciá Vicêncio** enquanto mulher negra descrita na narrativa de Conceição Evaristo abordada em sala de aula:

APÊNDICE B – RESPOSTAS DAS PERGUNTAS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO



Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP
Coleta de dados do trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado:
A Representatividade da mulher negra na Literatura Brasileira:
Conceição Evaristo



Acadêmico (a): _____

Data: / / _____

Acadêmica: Daniele de Lima Rodrigues

1. Acerca da Literatura Negra, você tem contato ou conhece alguma produção? Qual?

R: *Machado de Assis, seus obras que sempre li.*

2. Nas aulas de Literatura Brasileira, você identificou a presença de personagens negros(a) nos livros literários? Explique como eram descritos?

R: *Le nequinhão, era uma menina orfã que de seu estirpe de uma casa pobre era humilhada e sofria opressão de seu pai pouco sabido.*

3. Que personagem negro(a) chamou mais atenção nos livros de Literatura?

R: *O livro da obra de Nequinhão*

4. Você conhece alguma escritora Negra? Se sim, quais?

R: *Conceição Evaristo*

5. Para você qual a importância da presença de escritoras negras na Literatura Brasileira?

R: *Para mim a importância é de expor as pessoas negras e as histórias, cultura e seu reconhecimento no mundo.*

6. Como você observa a personagem Ponciá Vicêncio enquanto mulher negra descrita na narrativa de Conceição Evaristo abordada em sala de aula:

Que sofria racismo pela sua cor, perdeu por um homem branco. Sua cor era algo que era discriminado, embora era uma ótima escritora.



Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP
Coleta de dados do trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado:
A Representatividade da mulher negra na Literatura Brasileira:
Conceição Evaristo

Acadêmico (a): _____
Data: 02/03/2023
Acadêmica: Daniele de Lima Rodrigues

1. Acerca da Literatura Negra, você tem contato ou conhece alguma produção? Qual?

R: Machado de Assis, livro Quincas Borbas.

2. Nas aulas de Literatura Brasileira, você identificou a presença de personagens negros(a) nos livros literários? Explique como eram descritos?

R: _____

3. Que personagem negro(a) chamou mais atenção nos livros de Literatura?

R: _____

4. Você conhece alguma escritora Negra? Se sim, quais?

R: _____

5. Para você qual a importância da presença de escritoras negras na Literatura Brasileira?

R: É de suma importância para diversificação da literatura no Brasil, que tenha paradigmas e abindo novos caminhos para escritores negros.

6. Como você observa a personagem **Ponciá Vicêncio** enquanto mulher negra descrita na narrativa de Conceição Evaristo abordada em sala de aula:



Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP
Coleta de dados do trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado:
A Representatividade da mulher negra na Literatura Brasileira:
Conceição Evaristo



Acadêmico (a): Suziane Martins Pereira
Data: 07/03/2023
Acadêmica: Daniele de Lima Rodrigues

1. Acerca da Literatura Negra, você tem contato ou conhece alguma produção? Qual?

R: Não conheço

2. Nas aulas de Literatura Brasileira, você identificou a presença de personagens negros(a) nos livros literários? Explique como eram descritos?

R: Tia Anastácia; que era cozinheira e babá e analfabeta, na obra Sônis do picó-pau amarelo.

3. Que personagem negro(a) chamou mais atenção nos livros de Literatura?

R: Tia Anastácia

4. Você conhece alguma escritora Negra? Se sim, quais?

R: Não conheço

5. Para você qual a importância da presença de escritoras negras na Literatura Brasileira?

R: A presença de negros na literatura é de suma importância porque traz a representatividade negra quebrando barreiras, basta de intolerância preconceito.

6. Como você observa a personagem **Ponciá Vicêncio** enquanto mulher negra descrita na narrativa de Conceição Evaristo abordada em sala de aula:

Bom, ela não aceitava o próprio nome por não achar sentido, podemos trazer isso para a realidade, que muitas mulheres negras não se aceitam.



Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP
Coleta de dados do trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado:
A Representatividade da mulher negra na Literatura Brasileira:
Conceição Evaristo



Acadêmico (a): Elu Barbosa
Data: 02/03/23
Acadêmica: Daniele de Lima Rodrigues

1. Acerca da Literatura Negra, você tem contato ou conhece alguma produção? Qual?

R: "O Contigo" de Aluísio de Azevedo.

2. Nas aulas de Literatura Brasileira, você identificou a presença de personagens negros(a) nos livros literários? Explique como eram descritos?

R: Sim, geralmente os personagens negros são personagens de histórias que sofriam por conta da cor e as mulheres negras são consideradas mulheres que representam muita sensualidade.

3. Que personagem negro(a) chamou mais atenção nos livros de Literatura?

R: Rita Buena e Bentaleza da obra "O Contigo" de Aluísio de Azevedo.

4. Você conhece alguma escritora Negra? Se sim, quais?

R: Não lembro, agora!

5. Para você qual a importância da presença de escritoras negras na Literatura Brasileira?

R: Para representatividade e identidade negra na literatura Brasileira.

6. Como você observa a personagem **Ponciá Vicêncio** enquanto mulher negra descrita na narrativa de Conceição Evaristo abordada em sala de aula:

Uma personagem que passa por diversos problemas do cotidiano que uma mulher afrodescendente passa.



Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP
Coleta de dados do trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado:
A Representatividade da mulher negra na Literatura Brasileira:
Conceição Evaristo



Acadêmico (a): _____

Data: 22/03/23

Acadêmica: Danicle de Lima Rodrigues

1. Acerca da Literatura Negra, você tem contato ou conhece alguma produção? Qual?

R: não

2. Nas aulas de Literatura Brasileira, você identificou a presença de personagens negros(a) nos livros literários? Explique como eram descritos?

R: não

3. Que personagem negro(a) chamou mais atenção nos livros de Literatura?

R: não sei

4. Você conhece alguma escritora Negra? Se sim, quais?

R: não

5. Para você qual a importância da presença de escritoras negras na Literatura Brasileira?

R: É de extrema importância, pois, após todo o repertório de superação e luta para pessoas negras para serem reconhecidas como pessoas, até mesmo nos tempos atuais.

6. Como você observa a personagem **Ponciá Vicêncio** enquanto mulher negra descrita na narrativa de Conceição Evaristo abordada em sala de aula:

